



Escola da Comunidade Mahometana

11.ª Classe, Turma: CA3

Disciplina: Filosofia

1.º Trimestre 2024

A ORIGEM DO CONHECIMENTO

Discentes:

- Keila Muchanga;
- Maira Abiba;
- Sahil Fahimudin.

Docente:

- Constantino.

Classificação:

Assinatura:

Maputo, aos 23 de Junho de 2024

ÍNDICE

Introdução	2
Objectivos:	3
Objectivo geral:	3
Objectivos Específicos:	3
A origem do conhecimento	4
Empirismo	5
Racionalismo.....	7
Inteletualismo	10
Construtivismo	11
História do Construtivismo	11
Conclusão.....	13
Bibliografias.....	14
Bibliografias Manuais.....	14
Bibliografias Electrónicas.....	14

ÍNDICE DE FIGURA

Figura 1:[] 1 John Locke (1632-1704).....	5
--	---

Introdução

A origem do conhecimento é um tema central na filosofia, explorando as diferentes fontes e naturezas do saber humano. Após discutir a distinção entre conhecimento a priori e a posteriori, surge a questão: até que ponto esses conhecimentos são universais ou dependentes do contexto? Imagine um cenário onde $2 + 2$ não é igual a 4 ou onde a identidade lógica falha. Seria possível questionar esses conhecimentos em um mundo assim? Essas reflexões nos levam a investigar se o conhecimento é adquirido através da experiência sensorial ou se deriva também da razão e entendimento. O racionalismo, empirismo, intelectualismo e construtivismo oferecem respostas distintas a essas questões, cada um destacando a primazia de diferentes faculdades humanas na formação do conhecimento.

Objectivos:

Objetivo geral:

- Investigar e analisar as diferentes perspectivas filosóficas sobre a origem do conhecimento (empirismo, racionalismo, intelectualismo e construtivismo), buscando compreender como cada uma delas influencia nossa compreensão do mundo e dos limites do conhecimento humano.

Objectivos Específicos:

- **Comparar as visões do empirismo e do racionalismo:** Analisar como essas duas correntes filosóficas divergem quanto à origem e à natureza do conhecimento, investigando como cada uma delas trata a relação entre experiência e razão na formação do conhecimento humano;
- **Explorar o papel do sujeito na construção do conhecimento:** Investigar como o intelectualismo e o construtivismo enfatizam o papel ativo do sujeito na criação e interpretação das representações do mundo, contrastando essas perspectivas com o empirismo e o racionalismo.

A origem do conhecimento

Já estudamos a distinção entre conhecimento *a priori* e conhecimento *a posteriori*. Vamos agora estudar algumas correntes filosóficas que nos ajudarão a enquadrar cada uma destas formas de conhecimento. Para tal, comecemos por supor que havia um Deus que criava um mundo onde $2 + 2 = 5$ e onde $A \neq A$. Seria possível pôr em dúvida esses conhecimentos? Será que a nossa mente pode funcionar com regras matemáticas e princípios lógicos diferentes daqueles a que todos obedecemos? Ou serão esses conhecimentos universais, em qualquer mundo possível? E, se forem, será que se adquirem, ou, pelo contrário, já nascem conosco?

Qual é, de facto, a origem do conhecimento? Será que todo o nosso conhecimento provém da experiência e dos sentidos? Ou será que provém também da razão/entendimento? Ou procederá de ambas estas fontes, mas é mais verdadeiro numa do que noutra? Ou será que só se pode falar em conhecimento quando estas duas faculdades se articulam uma com a outra? O **racionalismo**, o **empirismo**, o **intelectualismo** e o **construtivismo** dão respostas diferentes a estas questões. Analisemos cada uma destas perspectivas.

Empirismo

Se o racionalismo admite a existência de um conjunto de ideias anteriores à experiência (*a priori*), o empirismo é uma teoria segundo a qual todo o nosso conhecimento provém da

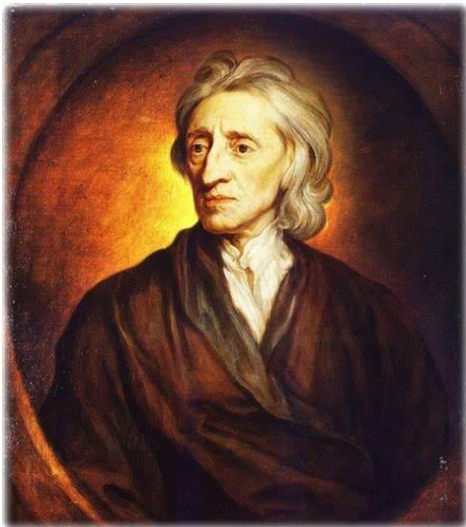


Figura 1:[] 1 John Locke (1632-1704)

experiência. Deste modo, o conhecimento, no verdadeiro sentido do termo, é sempre *a posteriori*. Mesmo os conhecimentos matemáticos acabam por depender, em última instância, da experiência.

Assim, segundo a corrente empirista, **não existem ideias, conhecimentos ou princípios inatos.** O entendimento assemelha-se a uma página em branco onde, antes de qualquer experiência, nada se encontra escrito.

Pode-se, por isso, definir o empirismo como sendo a teoria filosófica que, opondo-se ao racionalismo, nega a existência de conhecimentos inatos, afirmando que todo o conhecimento humano deriva da experiência.

Esta perspectiva foi defendida por John Locke no seu *Ensaio Sobre o Entendimento Humano*.

As ideias podem ser **simples** (como *duro, vermelho, frio*) ou **complexas** (como *beleza, Universo, cravo*), derivando estas da combinação daquelas. O conhecimento resultará, portanto, da ligação de ideias simples fornecidas pela experiência.

Uma vez que não existem ideias inatas, importa averiguar a **génese empírica** das ideias, mostrando como as mais complexas e abstractas podem ser decompostas nas mais simples e como estas se associam e combinam para formarem as mais complexas. Ao estudar estes mecanismos de **combinação e associação de ideias**, Locke desenvolve uma análise de natureza psicológica – **psicologismo**.

A experiência – seja a experiência externa (a sensação), pela qual se captam os objectos exteriores e sensíveis, seja a experiência interna (a **reflexão**), pela qual se captam as operações internas da mente – marca os limites do conhecimento. O conhecimento encontra – se duplamente limitado pela experiência, ao nível da sua:

- Extensão: o entendimento é incapaz de ultrapassar os limites impostos pela experiência, que é a única fonte do conhecimento;\
- Certeza: as certezas de que dispomos referem-se apenas àquilo que se encontra dentro dos limites da experiência.

Dentro do modelo empirista do conhecimento, situa-se também David Hume. Este filósofo considera que a capacidade cognitiva do entendimento humano é limitada, não existindo nenhum fundamento metafísico para o conhecimento.

Para este filósofo, todo o conhecimento deriva da experiência, tendo todas as crenças e ideias uma base empírica, até as mais complexas.

As várias percepções humanas são classificadas por Hume segundo o critério da vivacidade e da força com que são susceptíveis de impressionar o espírito. De acordo com este critério, as percepções que apresentam maior grau de força e vivacidade designam-se **impressões**.

As ideias ou pensamentos são, justamente, as representações das impressões, ou seja, são as imagens enfraquecidas das impressões, nunca alcançando vivacidade e força iguais às destas últimas.

Assim, as **ideias derivam das impressões**. Não só cada ideia deriva de determinada impressão, como não podem existir ideias das quais não tenha havido uma impressão prévia.

As ideias e as impressões são os elementos do conhecimento. Por isso, todo o conhecimento deriva da experiência. É nesta que se encontra o fundamento do conhecimento e não em qualquer realidade supra-sensível.

O empirismo de Hume traduz-se nas seguintes consequências:

- O **fenomenismo**: dado que só conhecemos as percepções, a realidade acaba por se reduzir aos fenómenos, ou seja, àquilo que aparece;
- O **cepticismo**: como a realidade a que temos acesso se reduz as percepções, a crença na existência de algo para lá dos fenómenos carece de fundamento (cepticismo metafísico). A capacidade cognitiva do entendimento humano limita-se ao âmbito do provável.

Podemos agora caracterizar o empirismo com base em três aspectos fundamentais:

- A experiência é a origem de todo o nosso conhecimento;
- Todas as ideias têm uma base empírica, até as mais complexas não existindo ideias inatas;
- O objecto impõe-se ao sujeito.

Racionalismo

O racionalismo é uma doutrina filosófica que considera a razão a fonte principal do conhecimento, a fonte do conhecimento verdadeiro. Só através da razão é que se pode encontrar um conhecimento seguro, o qual é *a priori* e totalmente independente da experiência sensível. Tal conhecimento só existe quando é **logicamente necessário** e **universalmente válido**.

Por exemplo, afirmar que $3 \times 3 = 9$ é apresentar um conhecimento com essas características: é logicamente necessário, porque tem de ser assim, caso contrário entraríamos em contradição, e é universalmente válido, porque é verdadeiro sempre, em toda a parte e para todos os seres humanos.

Daí que o modelo do conhecimento verdadeiro nos seja dado pela **matemática**, que é válida para todos e nos obriga à sua aceitação, sob pena de entrarmos em contradição lógica.

Isto não significa que os racionalistas neguem a existência do conhecimento empírico. Esse conhecimento existe, mas não pode ser considerado totalmente verdadeiro, justamente porque não se conforma à necessidade racional.

A filosofia do Platão representa o exemplo de uma perspectiva racionalista. Como já nos referimos a este autor, vamos relembrar os aspectos essenciais da sua filosofia. Platão afirma a existência de dois mundos: o **mundo sensível** (a que acedemos através dos sentidos), mundo aparente e imperfeito, e o **mundo inteligível** (com o qual contactamos através da razão), mundo verdadeiro e perfeito, formado por ideias, das quais as coisas sensíveis participam.

Considerando que a **alma é imortal** e que, nesta vida, se encontra aprisionada no corpo, Platão afirma que nós obtemos o verdadeiro conhecimento numa existência superior, na qual podemos contemplar as Ideias imutáveis.

Reencarnando, a alma esquece o que aprendeu. Se for bem conduzida, acabará por lembrar todas essas noções. Segundo esta teoria- **teoria da reminiscência**-, **aprender é recordar**. Sendo assim, as nossas ideias são cópias das verdadeiras Ideias, e à **opinião** (*doxa*), que provém dos sentidos, opõe-se o **verdadeiro saber** (*episteme*), que é obtido pela razão.

Na Idade Moderna, Descartes apresentou igualmente um modelo racionalista para o conhecimento. Atribuindo um grande valor à razão, Descartes procurou também os **fundamentos metafísicos do conhecimento**.

Uma vez que a razão é a origem do conhecimento verdadeiro (universal e necessário), então as proposições da matemática assumem um carácter evidente. Por isso, é possível seguir um **método** inspirado na matemática para a conquista da verdade.

Este método permitirá guiar a razão (o bem senso), orientando devidamente as operações fundamentais do espírito: a **intuição** – acto da apreensão directa e imediata de noções simples, evidentes e indubitáveis – e a **dedução** – refere-se ao encadeamento das intuições, envolvendo até às consequências necessárias.

Obedecendo às regras do método, Descartes procede a uma investigação de carácter metafísico, a fim de encontrar os princípios fundamentais do conhecimento humano.

Um momento importante do método é a **dúvida**. Por meio dela, recusaremos tudo aquilo em que notarmos a mínima suspeita de incerteza.

Instrumento da luz natural ou razão, a dúvida é posta ao serviço da verdade. É necessário colocar tudo em causa, no processo de busca dos **princípios fundamentais e indubitáveis**.

Mas esta dúvida é **metódica e provisória**, é um meio para atingir a **certeza**, não constituindo um fim em si mesma. Apesar de **hiperbólica** (pois rejeita como se fosse falso tudo aquilo em que se note a mínima suspeita de incerteza, acabará por conduzir a uma verdade incontestável: a **afirmação da minha existência**, enquanto sou um ser que pensa e que duvia.

Daqui decorre a natureza absolutamente verdadeira da afirmação “*Penso, logo existo*” (ou então: “*Cogito, ergo sum*” -afirmação frequentemente sintetizada no simples termo cogito). Trata-se de uma afirmação evidente e indubitável, de uma certeza inabalável, obtida por intuição, e que servirá de paradigma para as várias afirmações verdadeiras.

Segundo este filósofo, a razão possui em si ideias inatas. Estas ideias *a priori*, sendo **claras e distintas**, foram colocadas por Deus no espírito humano (**racionalismo inatista**). Entre as ideias inatas que possuímos encontra-se a noção de um ser onisciente, onipotente e sumamente perfeito. A partir da **ideia de ser perfeito**, Descartes procurou demonstrar a existência de Deus.

Sendo perfeito, Deus não é um ser enganador. Ele surge como a garantia da verdade objectiva das ideias claras e distintas. Sendo criador das verdades eternas, a origem do ser e o fundamento da certeza, Deus garante a adequação entre o pensamento evidente e a realidade, legitimando o valor da ciência e conferindo validade e objectividade ao conhecimento. Deus é o **fundamento do ser e do conhecimento**.

Texto

Desde que reconheci que existe um Deus, ao mesmo tempo compreendi também que tudo o resto depende dele e que ele não é enganador, e daí concluí que tudo aquilo que conheço clara e distintamente é necessariamente verdadeiro, mesmo que não atente mais nas razões pelas quais julguei que isso era verdadeiro, mas apenas me recorde de o ter visto clara e distintamente. Por conseguinte, não se pode alegar em contrário nenhuma razão que me leve a duvidar, mas tenho disso ciência verdadeira e certa. Ciência certa e verdadeira não apenas disso, mas também de todas as outras coisas que me recordo de alguma vez ter demonstrado, como as da Geometria e semelhantes. (...) E assim vejo perfeitamente que a certeza e a verdade que a certeza e a verdade de toda a ciência dependem unicamente do conhecimento do Deus verdadeiro, a tal ponto que, antes de o conhecer, eu não poderia saber nada, de modo perfeito, de qualquer outra coisa. Porém, agora podem ser perfeitamente conhecidas e certas, para mim, inúmeras coisas, quer do próprio Deus e das outras coisas intelectuais, quer também de toda a natureza corpórea que é o objecto da matemática pura.

Descartes (1988), *Meditações Sobre a Filosofia Primeira*, Coimbra, Livraria Almedina, pp. 194-195

Para além de Descartes, enquadram-se dentro do racionalismo outros filósofos, como Leibniz e Espinosa.

Em conclusão, podemos caracterizar o racionalismo com base em três aspectos fundamentais:

- a razão é a origem do conhecimento verdadeiro (universal e necessário);
- as ideias fundamentais do conhecimento são inatas;
- o sujeito impõe-se ao objecto através das noções (*a priori*) que traz si.

Intelectualismo

Uma outra doutrina filosófica associada ao problema da origem do conhecimento é o intelectualismo. Começemos por ver as principais características desta doutrina.

Este texto começa por chamar a nossa atenção para diversos sentidos do conceito de *intelectualismo*. Sublinha também a oposição entre, por um lado, o intelectualismo e, por outro, o empirismo, o voluntarismo e o emotivismo.

Para os intelectualistas, **o entendimento, a inteligência ou a razão são as faculdades essenciais do conhecimento**. Por conseguinte, no que se refere à origem do conhecimento, o intelectualismo é, em certa medida, sinónimo de racionalismo; mas nem sempre os dois termos se equivalem.

O texto alerta-nos ainda para o facto de o intelectualismo poder ser também considerado como a doutrina segundo a qual a relação sujeito-objecto é fundamentalmente de carácter cognoscitivo.

Essa leitura é posta em causa por muitas filosofias contemporâneas, que defendem que a relação do ser humano com o mundo não é apenas, nem fundamentalmente, de natureza teórica e cognoscitiva. Com efeito, independentemente de procurarmos conhecer as coisas de modo rigoroso e objectivo, estabelecemos também com elas uma **relação afectiva, prática, utilitária**. Por conseguinte, o conhecimento não é um acto efectuado por um sujeito no estado puro que aprende um objecto no estado puro.

O texto chama-nos a atenção para o carácter comprometido do conhecimento. Ou seja, não existe de um lado o sujeito abstracto e, do outro, uma realidade que ele irá conhecer objectivamente. O sujeito interage com a realidade e é desse processo que o conhecimento emerge. **Representar** o objecto é também, em certa medida, **construir** o objecto.

Construtivismo

Construtivismo é uma tese epistemológica que defende o papel ativo do sujeito na criação e modificação de suas representações do objeto do conhecimento. O termo começou a ser utilizado na obra de Jean Piaget e desde então vem sendo apropriado por abordagens com as mais diversas posições ontológicas e mesmo epistemológicas. Hoje é atribuído a abordagens da filosofia, pedagogia, psicologia, matemática, cibernética, biologia, sociologia e arte.

As teses comuns à maioria dessas abordagens (à exceção do construtivismo social) são relativas à questão da origem do conhecimento: a rejeição ao objetivismo de matiz empirista e a adoção do sentido kantiano da metáfora da construção.

Caracteriza-se, de forma negativa, pela rejeição ao objetivismo, pois defende que o objeto não determina completamente, em um sujeito supostamente passivo, as representações que este tem dele. Caracteriza-se, de forma positiva, pela defesa de duas teses kantianas: a que as representações (intuições sensíveis) que temos da realidade são condicionadas pela estrutura de nossa mente e construídas automaticamente por ela; e a que as hipóteses que construímos sobre como o objeto funciona podem ser alteradas e substituídas voluntariamente, quando falham em suas previsões do que receberemos pelos sentidos.

Construtivismo não deve ser confundido com construcionismo, porque o último, na verdade, rejeita tanto o conceito de sujeito construtor quanto o realismo.

História do Construtivismo

A filosofia de Kant representa um exemplo de uma perspectiva construtivista. De acordo com o construtivismo, o objecto do conhecimento é construído pelo sujeito. Assim, o sujeito tem um papel activo e é graças a ele que o objecto se constitui.

Em face, por um lado, do **insucesso da metafísica tradicional**, que não adquiria ainda o rigor da ciência, e, por outro lado, em face do notável valor adquirido pela ciência newtoniana, Kant terá como uma das finalidades da sua obra principal, a *Crítica da Razão Pura*, saber *como é possível a metafísica enquanto ciência*; mas para isso é necessária uma **crítica que defina as suas condições de possibilidade**. Será possível conhecer Deus, a alma e o mundo na sua totalidade?

Perante os **racionalistas dogmáticos**, que consideravam possível um conhecimento metafísico, e os **empiristas cépticos**, que defendiam que todo o nosso conhecimento começa com e deriva da experiência, não sendo possível um conhecimento rigoroso e válido para todos, Kant quer saber *o que podem até onde o entendimento e a razão conhecer, independentemente da experiência*.

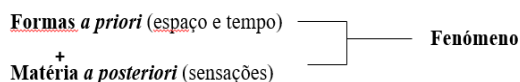
Por conseguinte, Kant **não é um filósofo dogmático**, porque considera que devemos analisar as nossas possibilidades de conhecimento; **nem é um filósofo céptico**, pois entende que algum conhecimento rigoroso e universal é possível, por exemplo a física de Newton. Dado que procura analisar as nossas faculdades de conhecer, Kant é um **filósofo crítico**.

Mais à frente, quando estudarmos o relativismo, veremos como o **críticismo** kantiano se traduz ao nível do conhecimento metafísico. Para já, observemos como Kant procurou superar o conflito racionalismo/empirismo.

Para percebermos o construtivismo kantiano, comecemos por sublinhar que a investigação crítica de Kant incide sobre as nossas **estruturas de conhecimento**. É aqui que nos surge o **transcendentalismo**. Transcendental é, em Kant, “todo o conhecimento que em geral se ocupa menos dos objectos que do nosso modo de os conhecer, na medida em que este deve ser possível *a priori*”.

A investigação kantiana tem um carácter transcendental porque procura descobrir o nosso **modo de conhecer** as coisas, e esse modo é ***a priori***, ou seja, é anterior à experiência. De facto, se todo o nosso conhecimento começa com a experiência, nem todo deriva dela.

A sensibilidade é uma faculdade passiva e receptiva. Recebe as **impressões sensíveis**, as **sensações**, a **diversidade empírica**, a que também se pode chamar **intuições empíricas**. Mas estas intuições empíricas são enquadradas pelas **intuições puras**, ou **formas *a priori*** da sensibilidade. As intuições puras são o **espaço** e o **tempo**. Ou seja, é no espaço e no tempo que nós percebemos e enquadrámos os objectos, formando os **fenómenos**.



O espaço e o tempo não entes reais, não existem sequer fora de nós: fazem parte da constituição da sensibilidade. São as nossas **formas de enquadramento** da matéria que provém dos sentidos, originando o fenómeno.

O fenómeno, por sua vez, só pode ser conhecido objectivamente através de outra faculdade: o **entendimento**. Trata-se de uma faculdade activa e espontânea, que desenvolve uma actividade lógica, na medida em que forma conceitos e formula juízos.

Mas, para que possa conhecer objectivamente as coisas, o entendimento possui elementos formais, *a priori*: os **conceitos puros** ou **categorias** (por exemplo, *unidade, realidade, causa, efeito*) e, ainda, os **juízos sintéticos *a priori*** (por exemplo, *a quantidade de substância permanece constante na natureza*). São estes elementos que nos permitem pensar e conhecer os objectos, ordenando-os e unificando-os.

A existência de conceitos e de juízos sintéticos *a priori* leva-nos a concluir que **nem todo o conhecimento deriva da experiência**. Existem conceitos e conhecimentos anteriores à experiência. Daí o **apriorismo** kantiano, que se opõe ao empirismo (para os empiristas todos os conhecimentos derivam da experiência).

Todavia, os conceitos e juízos *a priori* só têm uma aplicação legítima no âmbito da experiência sensível, ou seja, **não podem ser aplicados a algo de que não temos experiência**. Deste modo, Kant supera o racionalismo (e, no mesmo âmbito, o intelectualismo) – os racionalistas defendiam que o conhecimento autêntico provém exclusivamente da razão, sendo possível conhecer a realidade sem recorrer à experiência.

Conclusão

Em suma, ao explorar as perspectivas do empirismo, racionalismo, intelectualismo e construtivismo sobre a origem do conhecimento, revela-se um panorama complexo e diversificado das teorias filosóficas. O empirismo sustenta que todo conhecimento provém da experiência, enquanto o racionalismo enfatiza a razão como fonte de conhecimento verdadeiro e universal. O intelectualismo, por sua vez, posiciona a razão como a faculdade essencial para o conhecimento, enquanto o construtivismo destaca o papel ativo do sujeito na construção das representações do mundo. Cada abordagem oferece uma lente única para entender como adquirimos e estruturamos o conhecimento, refletindo diferentes visões sobre a natureza e os limites do entendimento humano.

Bibliografias

Bibliografias Manuais

- José Ferreira Borges, Marta Paiva e Orlanda Tavares. *Introdução à Filosofia 11^o classe*. Moçambique, Maputo: Plural Editores;
- Manuel Biriarte e Eduardo Geque. *Pré-Universitário – Filosofia 11^o*. Moçambique, Maputo: Pearson.

Bibliografias Electrónicas

- <https://www.soescola.com/glossario/o-que-e-construtivismo;>
- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Construtivismo.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Construtivismo)